

# ANÁLISE DA INTERCOOPERAÇÃO ENTRE RAMOS:

## Um caminho viável para o desenvolvimento do cooperativismo e da região Sudoeste do Mato Grosso?

Kélon Osório da Silva<sup>1</sup>

Deivid Ilecki Forgiarini, Dr.<sup>2</sup>

### RESUMO

Observando as cooperativas na região Sudoeste do Estado de Mato Grosso, desejou-se verificar o nível de intercooperação da Sicredi Noroeste MT e Acre com as cooperativas de outros ramos, pois é notório a intercooperação entre a rede Sicredi, porém o mesmo não se pode afirmar com relação a cooperativas de outros ramos. Assim o objetivo geral deste trabalho é analisar o nível de intercooperação da Sicredi Noroeste MT e Acre com as cooperativas de outros ramos. Foi utilizada a metodologia baseado num estudo de caso, cuja abordagem é de natureza qualitativa com triangulação de fontes de dados – bibliográficas, documentais e entrevistas – com análise de conteúdo. Desta forma conclui-se que em parte, a deficiência de intercooperação se deve à falta de cooperativas de outros ramos na região que forneça os serviços e materiais de consumo a que está necessita/utiliza, e que poderia ser resolvido se houvesse a fomentação na região do surgimento dessas cooperativas.

**Palavra-chave:** Cooperativismo. Intercooperação. Desenvolvimento Regional.

### ABSTRACT

Observing the cooperatives in the Southwest region of the State of Mato Grosso, it is desired to verify the level of intercooperation of the Sicredi Northwest MT and Acre with the cooperatives of other branches, as it is well known the intercooperation between the Sicredi network, but the same cannot be said. com relationship with cooperatives from other branches. Also the general objective of this work is to analyze the level of intercooperation of Sicredi Northwest MT and Acre with the cooperatives of other branches. The methodology has been used based on a case study, the approach of which is qualitative in nature with triangulation of data sources - bibliographic, documentary and interviews - with content analysis. In this way it concludes that in part, the deficiency of inter-cooperation is due to the lack of cooperatives from other branches in the region that provides the services and consumables that it needs/uses, and that could be solved if there was promotion in the region. of the emergence of these cooperatives.

**Keywords:** Cooperativism. Intercooperation. Regional development.

## 1. INTRODUÇÃO

As cooperativas são organizações econômicas peculiares. Estas organizações se pautam pelo o cooperativismo e focam seus resultados nas pessoas, na maximização da

---

<sup>1</sup> Acadêmico do curso de Pós-graduação em Gestão de Cooperativas das Faculdades Integradas de Taquara – Faccat, RS. E-mail: osorio79@gmail.com

<sup>2</sup> Professor das Faculdades Integradas de Taquara – Faccat, RS. Orientador do trabalho. E-mail: deividforgiarini@gmail.com

satisfação do cooperado e não apenas na maximização de retornos econômicos (ACI, 2015). Sendo assim as cooperativas seguem, ou buscam seguir, os princípios do cooperativismo entre os sete atuais princípios o sexto aborda a intercooperação (ACI, 2015).

Sabe-se que através da intercooperação, ao negociar com outras cooperativas, consequentemente ambas serão beneficiadas, além do crescimento do movimento cooperativismo, conforme mencionado por Schneider (2012) e ACI (2015), e consequentemente trazendo desenvolvimento para a região em que atua.

Para avaliar se a intercooperação é levada a cabo foi feito um estudo de caso com a Sicredi Noroeste MT e Acre. A cooperativa foi fundada em 1989 e hoje a cooperativa está presente em 18 municípios, sendo 15 na região Sudoeste<sup>3</sup> do Estado de Mato Grosso e 3 no estado do Acre e conta com, aproximadamente, 32 mil sócios. Compreende-se que o sistema Sicredi é um exemplo de intercooperação entre cooperativas do mesmo ramo. Contudo será que este princípio é levado em consideração em outras situações? Com isso o objetivo geral deste trabalho foi analisar a intercooperação da Sicredi Noroeste MT e Acre com cooperativas de outros ramos.

Para desenvolver este trabalho foi utilizada a metodologia de estudo de caso, cuja abordagem é de natureza qualitativa, que segundo Bauer e Gaskell (2002) é lida a partir de interpretações das realidades sociais. A coleta de dados foi através de entrevistas, pesquisas documentais e bibliográficas, considerado por Gil (2008) como pesquisa exploratória. Desta forma foi feita análise minuciosa das fontes documentais, que segundo Marconi e Lakatos (2003) servem para dar sustentação à investigação a que se pretende e análise de conteúdo dos dados primários, que foram as entrevistas, seguindo as orientações de Bardin (1977).

Assim observa-se que as formas de cooperação é algo muito antigo, segundo as menções de Bialoskorski Neto (2012) e ACI (2015), embora a forma sistemática do cooperativismo segundo Schneider (2012) surgisse durante a primeira fase da Revolução Industrial. Porém o sucesso do cooperativismo é tão notório que a ACI (2015) afirma que os valores permanecem os mesmos propostos pelos Pioneiros, já os princípios tiveram três alterações ao longo de todos esses anos, porém sempre permanecendo suas essências.

Conclui-se que são poucas as práticas de intercooperação com outros ramos e isso se deve, em parte, a deficiência de cooperativas de outros ramos que forneçam os serviços e

---

<sup>3</sup> Antes da divisão do estado do Mato Grosso em: Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, esta região era conhecida como região Noroeste de MT, por isso o nome Cooperativa de Crédito Rural do Noroeste de Mato Grosso hoje Sicredi Noroeste MT e Acre.

materiais de consumo a que a cooperativa objeto de estudo necessita/utiliza, e um caminho de solução indicado seria a fomentação para criar cooperativas na região.

Deste modo, ao observar as cooperativas da região Sudoeste de MT, como associado da Sicredi Noroeste MT e Acre, houve a preocupação em um melhor desenvolvimento da região, e a intercooperação poderia ser uma opção, não somente para o ganho de capital, mas para o ganho de imagem, pois o cooperativismo é uma filosofia de vida, onde o grande trunfo é viver bem e não necessariamente acumular apenas bens materiais (SCHNEIDER, 2012).

Após a introdução o trabalho conta o segundo capítulo que trata da Fundamentação Teórica, abordando cooperativismo, em especial a intercooperação e o desenvolvimento regional e descreve-se a região Sudoeste de Mato Grosso, que é onde ocorreu o estudo do caso em apressa. No terceiro capítulo é apresentada a metodologia utilizada. No quarto capítulo apresentam-se os resultados obtidos. O quinto capítulo mostra-se a análise dos resultados à luz da teoria e; sexto e último capítulo apresenta as considerações finais.

## **2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Para entender o ambiente de pesquisa onde surgiram as questões que norteiam este trabalho, traz-se um pouco do conceito sobre Cooperativismo de acordo com Organização das Cooperativas Brasileiras – OCB (2017).

### **2.1 Cooperativismo**

Conforme Schneider (2012), o grande diferencial do cooperativismo é que tal empresa está a serviço de uma “associação de pessoas”, que por ser uma entidade social coletiva opta por privilegiar a cooperação, a solidariedade e a ajuda mútua entre eles; sendo assim dirige, controla a empresa e dela demanda não a busca incondicional do lucro, mas, sim a busca da eficiência e eficácia que redundem em crescente satisfação das necessidades e do bem-estar de seus associados/coproprietários. A Aliança Cooperativa Internacional - ACI (2015) aborda a importância do cooperativismo no mundo, tanto para os setores da economia mundial, bem como, o quanto são fundamentais para a criação de riqueza para todos os cooperados combatendo a desigualdade econômica e social na região.

Schneider (2012) explica que a cooperativa está pautada na racionalidade econômica, sempre com clara definição dos objetivos e meios, e que demanda disciplina interna, ordem, planejamento, uso adequado de recursos e hierarquia na busca de seus objetivos:

A doutrina cooperativa situa-se na linha do dever ser, não numa dimensão impositiva, mas como um apelo às consciências, próprio da educação em prol da solidariedade, para se optar por uma proposta comportamental na sua atividade econômica e social, que conduza a uma sociedade e a um sistema econômico alternativo, mais solidário, justo, autônomo, democrático e participativo (SCHNEIDER, 2012, p. 254).

No manual OCB (2017) descreve ainda que em uma cooperativa, a distribuição de resultados está vinculada às operações efetuadas e não à participação pelo capital. Nela, todos têm direito a voto e as decisões são tomadas democraticamente, baseadas em valores de ajuda mútua, responsabilidade, igualdade, equidade e solidariedade.

## **2.2 Intercooperação**

A Intercooperação é o sexto princípio e conforme a ACI (2015, p. 77) têm-se duas dimensões do caráter das cooperativas: “A primeira dimensão é que são entidades econômicas que comercializam bens e serviços. O segundo é que eles são entidades sociais de membros que se relacionam de uma forma positivo com outras cooperativas devido ao modo como realizam sua atividade.”

Sendo assim os membros da cooperativa não só ajudam a construir sua própria cooperativa, mas também o sistema cooperativista em geral. Cooperando com outras cooperativas gera-se riqueza para a maioria, diferente daquela advinda de uma competição comercial desenfreada. Sendo assim os membros não só se beneficiam das ações da sua cooperativa, mas também o impacto do compromisso e da atividade da sua cooperativa com as demais cooperativas (ACI, 2015).

Em todo o mundo, as cooperativas logo formaram organizações nacionais cujos representantes uniram-se com intuito de representar as cooperativas:

As vantagens das uniões e federações são evidentes, pois permitem concorrer com poderosas empresas capitalistas; melhoram a prestação de serviços técnicos e a assessoria das estruturas integradas a suas filiadas; facilitam as relações com o Estado e a defesa do setor cooperativo em uma economia planejada; ampliam as atividades ao oferecer serviços que não têm condições de assumir; facilitam a eliminação da intermediação desnecessária ou melhoram as margens de comercialização; e racionalizam a produção, eliminando gastos supérfluos e obtendo os ganhos das “economias de escala” (SCHNEIDER, 2012, p. 268).

Assim, em 1895 foi fundada a ACI como um órgão representativo nível mundial. A Aliança é agora a maior organização não governamental do mundo em termos de afiliação, e conta com alcance, reconhecimento e influência considerável como órgão consultivo formal para as Nações Unidas, (ONU), a Organização Internacional do Trabalho (OIT) e a Organização da ONU para a Alimentação e a Agricultura (FAO).

Este sexto princípio está intimamente ligado ao valor cooperativo da solidariedade. As cooperativas são melhores se estiverem juntas. Trabalhando em conjunto, as cooperativas ganham conhecimento, dimensões e o apoio necessário para aumentar a sustentabilidade, a conscientização e o impacto, especialmente quando os custos fixos e os recursos podem ser compartilhados (ACI, 2015, p. 78, tradução nossa).

Segundo Girelli Nunes, Mota e Dos Santos (2017), é através da intercooperação que a agricultura familiar consegue ter acesso aos mercados institucionais, ainda comentam a importância da intercooperação para o agronegócio a partir do desempenho econômico, sendo um papel vital para a permanência no mercado, pois individualmente, tanto os agricultores como as singulares, não conseguiriam acessar o mercado institucional; ainda menos o mercado patronal.

Visando trabalhar em conjunto, a intercooperação, após a formação da cooperativa é considerada passo chave para as cooperativas se organizarem e contribuírem entre si e também com empresas do mercado e tem como objetivo favorecer o negócio da cooperativa em prol dos associados (MDIC, 2015 *apud* KONZEN; OLIVEIRA, 2016). Em geral as cooperativas não detêm todas as competências necessárias para o desenvolvimento de suas atividades estratégicas e ou variedades de produtos, porém com intercooperação, conseguem completar suas competências e ou desenvolver novos produtos e serviços de forma conjunta (KONZEN; OLIVEIRA, 2016).

### **2.3 Desenvolvimento Regional**

O conceito de desenvolvimento regional segundo Silveira (2018) está em construção, pois apresenta várias interpretações e muitas acepções e sentidos.

No entanto, o desenvolvimento regional segundo a visão de Storper (2010) e comentado por Francio e Verschoore (2018) está baseado na relação entre economia e espaço, onde o espaço não pode ser usado como fator explicativo na análise da ação econômica, nem mesmo ser tratado isoladamente como um objetivo da pesquisa. Entretanto, o espaço nada

mais é que o ponto de partida para o estudo de determinadas questões acerca de fenômenos econômicos localizados. Pois, a ação econômica e a interação precisam ocorrer em algum local, seja dentro de determinados lugares, regiões, nações ou blocos comerciais, seja entre eles (STORPER, 2010, *apud* FRANCIO; VERSCHOORE, 2018).

“É nessa sobreposição espacial de processos econômicos e sociais diferentes que a abordagem relacional traz sua contribuição” (BATHELT; GLÜCKLER, 2011 *apud* FRANCIO; VERSCHOORE, 2018, p. 55), “sendo caracterizada pelos ativos relacionais e pela proximidade espacial, especialmente nas escalas locais e regionais, ligadas por interdependências específicas da economia do local ou da região, como regras, contextos e convenções” (YEUNG, 2005, *apud* FRANCIO; VERSCHOORE, 2018). Foi diante deste contexto que o desenvolvimento regional teve como protagonismo principal os relacionamentos interorganizacionais (FRANCIO; VERSCHOORE, 2018).

Conforme artigo apresentado por Francio e Verschore (2018, p. 56), desde a década de 1980 que as organizações vêm se limitando a estudar sobre os relacionamentos interorganizacionais. Dizem ainda que “pesquisas abordam como são formadas as parcerias, alianças estratégicas, redes entre empresas, coligações e acordos de cooperação”. Porém, grande parte das questões abordadas nas pesquisas faz referência a temas comuns, incluindo a interação social de indivíduos que agem em nome de suas organizações, as redes sociais, a conexão, a colaboração, a ação coletiva, a confiança e a cooperação.

Do mesmo modo o desenvolvimento regional também está associado a um dado estágio ou momento social e econômico em que uma determinada região se encontra, onde a medida e quantificação podem ser realizadas através de indicadores socioeconômicos, numa perspectiva comparativa com outras regiões (SIEDENBERG, 2006 *apud* SILVEIRA, 2018):

Cabe destacar que para Siedenberg (2006, pp. 71-72) o uso da expressão desenvolvimento regional costuma estar associada às mudanças sociais e econômicas que ocorrem num determinado espaço regional. Porém, o autor chama atenção de que “é necessário considerar que a abrangência dessas mudanças vai além desses aspectos, estabelecendo uma série de interrelações com outros elementos e estruturas presentes na região considerada, configurando um complexo sistema de interações e abordagens” (SILVEIRA, 2018, p. 238).

No entanto, para Boisier (2000, p.160) o desenvolvimento regional é um processo de mudança estrutural situado numa dada região que essencialmente deve combinar três tipos de mudança: a espacial, a social e a individual. Tal processo de mudança “se associa a um permanente processo de progresso da própria região, da comunidade ou sociedade que nela

habita e de cada indivíduo membro de tal comunidade e habitante de tal território” (SILVEIRA, 2018).

Quando Sabourin (2018) fala sobre desenvolvimento territorial sustentável, ele acaba por concordar com que Silveira (2018) cita a respeito de Boisier (2000), onde nos fala da mudança estrutural que deve ocorrer numa dada região, pois para ele:

A proposta do desenvolvimento sustentável ou territorial arrisca morrer das suas contradições e da sua falta de operacionalidade. No entanto, existem dispositivos de desenvolvimento territorial baseados em uma negociação entre organizações de produtores, de usuários e serviços públicos do Estado que permitem desenvolver exemplos concretos de interface de sistemas em situações mistas ou até dominadas pela lógica da troca (SABOURIN, 2018, p. 47).

Sendo assim, o desenvolvimento regional é visto por Silveira (2018) como sendo um procedimento que necessita estar assentado na cultura, na natureza e nos valores ético-ideológicos de uma determinada região. Desta forma, as particularidades e especificidades destas, seja cultural, natural ou ético-ideológico, tornam-se atributos territoriais próprios, que devem ser valorizados, pois serão diferenciais e especificidades que darão sustentação as dinâmicas de desenvolvimento próprias e específicas a cada região.

Nisto, Silveira (2018), coloca que, não tem como pensar em desenvolvimento regional “sem se considerar as condições sociais, políticas, econômicas, de estruturação e organização das comunidades locais”. O que “só poderá ser alcançado pela participação social no processo de decisão e construção regional, garantindo a adaptação rápida às constantes mudanças provenientes do dinamismo global” (SILVEIRA, 2018, p. 239).

A participação política junto ao desenvolvimento regional é fundamental, pois são as instituições públicas os atores fundamentais desse processo, principalmente no momento da formulação e da execução das políticas de desenvolvimento regional. Sabe-se ainda que a “dimensão política tem sido reforçada com a necessária participação dos atores econômicos e sociais do território em questão, e seu crescente protagonismo, no processo de legitimação das políticas de desenvolvimento regional” (MIGUEL et al., 2013 e PEREZ, 2015 *apud* SILVEIRA, 2018, pp. 239-240).

Conforme Silveira (2018), “estamos assistindo uma redefinição do tradicional modelo de desenvolvimento regional dada a criação de novos objetivos [...], de novas escalas espaciais [...], novos instrumentos políticos de planejamento e de gestão, e uma nova governança multinível [...]”.

O processo de desenvolvimento regional segundo Silveira (2018, p. 245) envolve a execução de um conjunto de ações e políticas públicas que visem à redefinição estrutural, e a

melhoria das condições socioeconômicas da população, além da ampliação dos níveis de qualidade de vida, como também de atingimento da sustentabilidade econômica, social e ambiental no território regional. Segundo o autor: “através de um sistema de planejamento e de governança que valorize a participação social e a descentralização da decisão política, e que esteja articulado com os demais níveis de governo, tanto na escala municipal quanto nacional”.

Francio e Verschore (2018) acreditam que são as empresas as capazes de gerar novos potenciais tecnológicos na região. No entanto, as formas de geração de novas tecnologias podem variar de acordo com a estrutura, história econômica e perfil tecnológico de cada região, além dos arranjos institucionais e a capacidade de envolvimento dos atores. Portanto, o ponto inicial para uma política de desenvolvimento regional começa com a ideia de explorar o potencial de uma determinada região, organizando os atores e os investimentos disponíveis em poder do Estado, onde se envolve as empresas e os agentes locais em um processo participativo e deliberativo. Sabendo que o desenvolvimento regional possui múltiplas dimensões políticas, culturais, econômicas, sociais e ambientais. E que em regiões onde o foco está no setor público, essa política de desenvolvimento regional deve alinhar-se às instituições locais para o aproveitamento dos potenciais regionais. No entanto, é necessário que os atores regionais e externos tenham a aptidão de chegar a um consenso a fim de resolverem as subversões e mobilizarem os recursos.

Visto que, muitas dessas proposições não têm alcançado o desejado êxito segundo Francio e Verschore (2018) porque ignoram a complexidade do envolvimento dos atores locais nos processos consensuais. Ultimamente, pesquisadores têm se imbuído em compreender tal complexidade com intuito de buscar proposições teóricas que transpõem as barreiras de envolvimento dos atores locais.

### **3. METODOLOGIA**

A metodologia deste trabalho é de estudo de caso de acordo com Gil (2008):

O estudo de caso é caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira a permitir o seu conhecimento amplo e detalhado, tarefa praticamente impossível mediante os outros tipos de delineamentos considerados (GIL, 2008, p.57).

A abordagem foi de natureza qualitativa. Para Bauer e Gaskell (2002), esse tipo de pesquisa evita-se dados quantitativos, pois é lida a partir de interpretações das realidades

sociais, e é considerada como sendo pesquisa *soft*: Bardin (1977) destaca que a análise qualitativa tem como características particulares na elaboração de deduções sobre um acontecimento ou variável de inferência precisa, e que ainda pode funcionar muito bem sobre corpus reduzidos e estabelecer categorias mais discriminantes. Diferente da análise quantitativa que necessita de frequências suficientemente elevadas, para que os cálculos se tornem possíveis.

Foi feita a coleta de dados através de entrevistas, análise documental e análise bibliográfica, sendo que, “São vários os procedimentos para a realização da coleta de dados, que variam de acordo com as circunstâncias ou com o tipo de investigação” (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 166).

Para realização da entrevista, foi elaborado um formulário contendo perguntas específicas sobre o assunto, para análise documental, foi realizado a partir de documentos ou dados de uso público, e a análise bibliográfica, foram feitas em pesquisas em livros, artigos científicos, teses, dissertações entre outros (GIL, 2008). Neste prisma, conforme o que diz Gil (2008), esta pesquisa utilizará dados bibliográficos e documentais, também entrevistas como fonte de dados primários. No próximo tópico será descrito a técnica de análise dos dados.

Foi feita análise documental e bibliográfica (GIL, 2008; MARCONI e LAKATOS 2003) e para análise dos dados primários, utiliza-se do método análise de conteúdo, que conforme Bardin (1977, p. 44) “A análise de conteúdo procura conhecer aquilo que está por trás das palavras sobre as quais se debruça” ou seja busca informações através das mensagens, e que as vezes não estão explícitas.

Conforme Marconi e Lakatos (2003, p. 223), a população é um conjunto de seres que apresentam alguma característica em comum. Assim a delimitação do universo consiste em mencionar coisas, fenômenos ou pessoas que serão pesquisados, enumerando suas características em comuns. A amostragem desta pesquisa foi por acessibilidade ou por conveniência, que segundo Gil (2008, p. 94) não tem qualquer rigor estatístico. Porém, admite-se que os entrevistados de alguma forma representem o universo.

### **Quadro 1: Roteiro de Entrevista:**

<b>Perguntas</b>	<b>Autores</b>
Qual a importância do cooperativismo?	Schneider (2012).
No seu ponto de vista, desde quando as pessoas tem se organizado no modelo cooperativo e como você vê o desenvolvimento deste através dos anos?	Bialoskorski Neto (2012); ACI (2015).

Em sua opinião, qual a importância dos princípios e valores do cooperativismo?	ACI (2015) e Schneider (2012).
Qual a importância da intercooperação?	ACI (2015) e Schneider, (2012).
Quais são as dificuldades de fazer intercooperação?	ACI (2015); Schneider (2012) e Konzen e Oliveira (2016).
O que precisa na região para termos um grande desenvolvimento regional?	Francio e Verschoore, (2018); ACI (2015) e Schneider (2012).
De que maneira o cooperativismo pode contribuir para que esse desenvolvimento aconteça?	Silveira (2018) e Bialoskorski Neto (2012).

Fonte: Elaboração própria.

Assim, esta pesquisa teve como entrevistados um dos diretores da Sicredi Noroeste MT e Acre e a Assessora de Gestão de Pessoas da mesma cooperativa, ambos que estão estritamente ligados às compras e pelos contratos com outras instituições, sendo estas as pessoas ideais para verificar-se o nível de intercooperação entre ramos da cooperativa na região. A entrevista foi realizada mediante autorização para realizá-la, lembrando que as identidades foram preservadas.

#### 4. RESULTADOS

A região estudada foi a RP VII – Sudoeste – Cáceres. Esta região compreende os municípios de **Araputanga**, Cáceres, Campos de Júlio, **Comodoro**, **Conquista D'Oeste**, Curvelândia, **Figueirópolis D'Oeste**, Glória D'Oeste, **Indiavaí**, **Jauru**, **Lambari D'Oeste**, **Mirassol d'Oeste**, **Nova Lacerda**, **Pontes e Lacerda**, Porto Esperidião, **Reserva do Cabaçal**, **Rio Branco**, **Salto do Céu**, **São José dos Quatro Marcos**, Sapezal, **Vale de São Domingos** e **Vila Bela da Santíssima Trindade**, totalizando 22 municípios (SEPLAN-MT, 2017) , desses a Sicredi Noroeste MT e Acre atua em 15 municípios (em destaque). Seguem as respostas das entrevistas.

##### 4.1 Qual a importância do cooperativismo?

Para o Entrevistado 1, a importância do cooperativismo deve-se ao fato de ser um modelo de negócio solidário e o mais justo hoje, e que vem para somar forças e ajudar a comunidade, ele diz ainda que é um modelo independente “ele, por si só, se mantém; e isso

desenvolve, de fato, a comunidade; contribui muito para o desenvolvimento econômico-financeiro-social, aonde a cooperativa está inserida”.

Enquanto o Entrevistado 2, além de achar algo fantástico ter tido a oportunidade de trabalhar no Sicredi, diz ainda que, o cooperativismo permite que as pessoas montem organizações solidas a partir de um grupo de pessoas com um objetivo comum, e ao montar uma “empresa”, fomenta a economia gerando empregos diretos e indiretos. A cooperativa trabalha num formato colaborativo, deixando de trabalhar numa competitividade e completa dizendo: “aonde nós todos, juntos, podemos crescer; e nós todos, juntos, podemos ter uma melhoria. Então, eu acho que é uma visão que fortalece muito mais o bem comum, porque eu não... diminui a competição, aumenta a qualidade e aumenta as oportunidades”.

#### **4.2 No seu ponto de vista, desde quando as pessoas tem se organizado no modelo cooperativo e como você vê o desenvolvimento deste através dos anos?**

No início o Entrevistado 1 menciona o surgimento de uma cooperativa de produção que teve o início das suas atividades a 40 anos e que a partir desta, os mesmos associados criam a Cooperativa de Crédito. Ambas as cooperativas fundadas através do precursor/fomentador o padre Monsenhor Ermínio Celso Duca. Ainda diz que: “Então, as pessoas já, de longa data, de longo tempo, já vêm percebendo que é através do cooperativismo, é que eles conseguem unir, ter força, para poder competir aí no mercado, né?” Quando retomado ao surgimento do modelo cooperativo o Entrevistado 1 menciona os registros históricos de Rochdale, “lá em 1844”. E que no Brasil, tem registro por volta do ano de 1900, sendo fundada uma cooperativa de produção em Minas Gerais e em 1903 é fundada a Cooperativa de Crédito pelo Padre Amstad.

Quando feito a pergunta ao Entrevistado 2, este responde num tom bem alegre “desde que o mundo é mundo, acho que para atravessar um deserto, as pessoas se uniram, tinham um objetivo em comum ali; talvez não tinha a questão da atividade econômica ali, naquele momento, era mais um viés de sobrevivência”, este acredita que as pessoas para conseguirem alcançar alguns objetivos, precisam da colaboração, da cooperação, entre elas. Por isso ao longo do tempo, as pessoas movidas pelo anseio de resultado ou pelo lucro os unem-se umas as outras para alcançar seus objetivos comuns, acreditando terem melhores resultados.

Assim para o Entrevistado 2, “a gente viveu ciclos econômicos... Eu vejo que o momento que nós estamos agora, é um momento que surge empresas menores, se organizando de uma forma diferente e com trabalhos mais colaborativos”. E completa:

As pessoas lançam, sem recurso, sem estrutura, uma empresa de consultoria, na Internet, conseguem divulgar; e daqui a pouco, tem uma rede de clientes. Aí eu monto um negócio, e tenho dúvidas de como eu vou trabalhar a parte econômica e financeira; eu lanço nos chats, perguntas a respeito, e recebo respostas. Então, eu acho que essa geração que está conectada com redes sociais, elas estão voltando a trabalhar com colaboração. O que eu não sei, eu aprendo; e o que eu sei, eu divulgo através do YouTube, dos canais, os vídeos; e eu acho que está construindo uma geração mais colaborativa. E quando você vê, mesmo as grandes corporações, elas começam a ter esse olhar também, que elas começam a ser financiadoras, anjos, investir financeiramente em Startups que estão surgindo; então, é uma forma de colaboração, também. E por outro lado, essas empresas que estão surgindo, com tecnologia, elas trazem isso para inovar as empresas maiores. (ENTREVISTADO 2)

O Entrevistado 2 acha fantástico que a atual geração tem utilizado muito bem a tecnologia/internet sendo propulsoras da colaboração, onde um aprende com o outro.

#### **4.3 Em sua opinião, qual a importância dos princípios e valores do cooperativismo?**

O Entrevistado 1 acredita que princípios e valores em qualquer atividade, bem como na vida, é um norteador. Para ele os princípios e valores do cooperativismo precisam ser lembrado, pois é a essência do cooperativismo e que através desses princípios e valores que a cooperativa consegue ter sucesso, pois é a identidade da cooperativa.

Já para o entrevistado 2 o cooperativismo tem que estar alicerçado nos princípios e nos valores, pois esse é o diferencial em relação as outras empresas e essa diferença tem que ser perceptivo nas cooperativas, tanto na questão de convívio quanto na questão de estrutura. E completa dizendo: “Isso faz com que a empresa funcione de uma forma mais transparente, mais otimizada, mais ética e mais eficiente, e até a credibilidade da empresa aumenta também”. E finaliza dizendo que sem os princípios a cooperativa não se fortalece.

#### **4.4 Qual a importância da intercooperação?**

O Entrevistado 1 entende que as cooperativas devem contribuir, auxiliar, cooperar umas com as outras, pois a intercooperação contribui para o desenvolvimento dessas organizações.

O entrevistado 2 inicia dizendo “Eu, eu me incluo dentro desse modelo de cooperativas; e acho que quando a gente, é... é uma cooperativa, e a gente não fortalece outras cooperativas, a gente está com um discurso que não é consistente e nem coerente”. E conclui:

Então, a intercooperação é quando eu acredito tanto no modelo do cooperativismo, que eu quero que isso se expanda para outros segmentos; e eu ajudo a fortalecer esse modelo, porque eu entendo que esse é um caminho para fortalecer as estruturas (ENTREVISTADO 2).

Para ele o nosso discurso sobre o cooperativismo tem que ser observado na nossa vida no dia-a-dia, e isso inclui fortalecer essa estrutura, ou seja, o cooperativismo, fomentando o fortalecimento e a existência/surgimento de outras cooperativas.

#### **4.5 Quais são as dificuldades de fazer intercooperação?**

Conforme o Entrevistado 1 o maior desafio são as pessoas, pois tem que nascer delas o desejo de contribuir e intercooperar. De nada adianta uma cooperativa se colocar à disposição de outra cooperativa se a outra parte não tiver aberta para aceitar isso. “É isto que eu vejo a maior dificuldade de fazer intercooperação, porque o restante é bem tranquilo de ser implementado, de ser construído”.

Para o Entrevistado 2 as dificuldades, no caso crédito, se deve ainda a questão pelo fato de se disputar o mesmo nicho, ou seja, ainda tem aquela coisa de competitividade que acaba atrapalhando um pouco a interação. Porém completa dizendo: “a gente não tem que disputar entre cooperativas, a gente tem que se fortalecer entre cooperativas, para oferecer mais opções de produtos financeiros para as pessoas, através das cooperativas”. Com relação aos demais segmentos, o Entrevistado 2 diz que é mais pelo fato de não ter outras cooperativas na região. Pois, as que têm procuram privilegiar nos contratos.

#### **4.6 O que precisa na região para termos mais desenvolvimento regional?**

Para o Entrevistado 1, são necessárias pequenas cooperativas, inclusive com auxílio das que já existem. É possível ter cooperativas de costureiras, de produtores de polpas de frutas, de frangos entre outros. Se fosse organizado não há teria necessidade de trazer nada de outras regiões, uma vez que é possível produzir aqui pois região tem condições favoráveis para isso e assim todos ganhariam.

Porém acrescenta: “Mas aí falta vontade, né, para poder fazer esse trabalho”. Ainda diz que depende ainda do Poder Público normatizar algumas situações. Mas que o principal ainda é a própria sociedade se organizar, e afirma: “O modelo cooperativista é isso, o dinheiro que é emprestado, [...] ele não ultrapassa a nossa fronteira, [...], ele fica aqui; então, ele é reutilizado, ele é reemprestado, ele fica circulando e girando. [...], ele tem que estar circulando; o dinheiro parado, ele não gera desenvolvimento”.

Segundo o Entrevistado 2 são vários fatores que influenciam. Para ele:

[...] para uma região ter um forte... um crescimento, é, significativo, tem que ter realmente uma combinação de fatores. Eu acho que a parte de Educação, as escolas, é, oferecendo algo bacana, que vai capacitar as pessoas; as empresas dando oportunidade, orientando as pessoas; prefeitura, com políticas legais, trazendo cursos; eu acho que é uma combinação de fatores. E não tiro a responsabilidade nossa, individual; porque eu acho que todo mundo fazendo isso, é... as entidades fazendo isso, só vai dar certo, se as pessoas, individualmente, fizerem o seu melhor também. Se eu, enquanto funcionária, der o meu melhor; se enquanto membro de uma igreja, se enquanto aluna, der o meu melhor, eu vou estar contribuindo para esse processo. Então, é... eu acho que cada um buscar, dar o seu melhor, no seu papel, seja como pai, mãe, governante. (ENTREVISTADO 2)

Ainda menciona a importância das entidades religiosas que fazem alguns trabalhos sociais muito interessantes bem como as empresas privadas que empregam e capacitam às pessoas da região, tudo isso ajuda o desenvolvimento da região fazendo que as pessoas não queiram sair da cidade.

#### **4.7 De que maneira o cooperativismo pode contribuir para que esse desenvolvimento aconteça?**

O Entrevistado 1 inicia respondendo a esta pergunta dizendo:

Aplicar o modelo cooperativista, os valores e os princípios; esse é... é o que precisa para acontecer. As cooperativas fomentarem a criação disso; as cooperativas que estão hoje, serem fomentadoras disso; elas abraçarem isso, e dizer assim: Não, nós precisamos fazer isso na região. Nós precisamos ter esse projeto. As cooperativas precisam, é... abraçar isso, para que ela possa... é, esse desenvolvimento venha a acontecer. E digo mais, acredito que isso é uma questão de sobrevivência daqui um tempo. (ENTREVISTADO 1)

Menciona ainda a questão da Internet, que faz com que empresas de muito longe inclusive internacionais atuem na região.

Para o Entrevistado 2 o cooperativismo, traz a oportunidade das pessoas mesmo não tendo muitos recursos financeiros, possam juntas umas às outras alcançar os objetivos

comum: “o cooperativismo, ele traz essa visão que nós podemos crescer juntos, eu não preciso competir com você; eu posso me unir a você, e a gente, juntos, a gente conseguir crescer”.

## **5. ANÁLISE DOS RESULTADOS**

### **5.1 Qual a importância do cooperativismo?**

Conforme o Entrevistado 1, o cooperativismo é um modelo de negócio solidário e justo, que soma forças e ajuda a comunidade, trazendo o desenvolvimento econômico-financeiro-social. Já para o Entrevistado 2, o cooperativismo permite que as pessoas montem organizações solidas com pessoas que tem um objetivo comum, com isso fomenta a economia gerando empregos diretos e indiretos.

Porém conforme Schneider (2012), o cooperativismo é mais que isso. Ele é uma filosofia de vida, a cooperativa que por ser uma entidade social coletiva opta por privilegiar a cooperação, a solidariedade e a ajuda mútua entre as pessoas. Sendo assim o cooperado dirige e controla a empresa demandando não a busca incondicional do lucro, mas, sim, a busca da eficiência e eficácia que redundem em crescente satisfação de suas necessidades e do bem-estar. Neste prisma, a cooperativa agrega valor ao trabalho e não ao capital, pois o foco está nas pessoas.

### **5.2 No seu ponto de vista, desde quando as pessoas tem se organizado no modelo cooperativo e como você vê o desenvolvimento deste através dos anos?**

O Entrevistado 1 menciona o surgimento da Coopnoroeste na região, depois menciona os registros históricos de Rochdale. Que para Schneider (2012) e Bialoskorski Neto (2012) é o principal ponto de partida do cooperativismo moderno.

Enquanto o Entrevistado 2 diz que, desde que o mundo é mundo. Enfoca a importância da internet nesses últimos dias para o compartilhamento de informações, ou seja, a sociedade está mais colaborativa, dando oportunidade a micro empreendedores a competir com grandes empresas. Neste aspecto, confunde cooperação e cooperativismo, mostrando certa não ter bem compreensão sobre o tema, de acordo com os preceitos de Schneider (2012) e ACI (2015).

### **5.3 Em sua opinião, qual a importância dos princípios e valores do cooperativismo?**

Os Entrevistados acreditam que os princípios e valores são o que norteiam qualquer atividade bem como a vida. O Entrevistado 1 diz: “é a nossa energia e a nossa força”.

Nesse aspecto, ACI (2015) define e Schneider (2012) relata como essenciais não somente o mero cumprimento de princípios e normas, mas a necessidade de se ter um espírito cooperativo. Schneider (2012), ainda diz que, os valores constituem as “ideias-força” que emana energia e que motiva, inspira a ação cooperativista, sendo esta regida por princípios.

#### **5.4 Qual a importância da intercooperação?**

Neste aspecto o Entrevistado 1 acredita que as cooperativas, têm que cooperar umas com as outras, para que ela também possa se desenvolver. Esta compreensão está de acordo com ACI (2015) que versa que a intercooperação cria riquezas para benefício mútuo. O que Schneider (2012) chama de princípio da integração cooperativa. Enquanto o Entrevistado 2 diz que é o fato de acreditar tanto no modelo cooperativo que faz com que se deseja que ele se expanda a outros segmentos, e é através da intercooperação que ajuda a fortalecer esse modelo. E acrescenta que o discurso sobre cooperativismo tem que ser observado na vida do cooperativista. Schneider (2012) quando descreve sobre o princípio da integração cooperativa, ele diz que a integração parte “de baixo para cima”, pois as cooperativas de base decidem integrar-se, fazendo o sacrifício de forma livre e consciente de parte de sua autonomia em benefício do sistema cooperativo, claro que o fim será para servir melhor aos associados.

#### **5.5 Quais são as dificuldades de fazer intercooperação?**

Para o Entrevistado 1 o maior desafio para intercooperar está em ambas as partes desejarem. Porém ACI (2015) destaca que a necessidade de intercooperar é remonta ao surgimento do cooperativismo moderno. Neste ponto pode-se afirmar que o que falta nas pessoas é o espírito cooperativista, ter o cooperativismo como uma filosofia de vida, conforme afirma Schneider (2012). Já o Entrevistado 2 atribui a dificuldade de intercooperar entre o ramo de crédito (mesmo ramo) o fato de disputar o mesmo nicho, porém acredita que ambas têm que se fortalecer, para oferecer mais opções de produtos financeiros e deixar de concorrer entre si. Concordando com que escreve Schneider (2012), quando diz que as uniões permitem concorrer com poderosas empresas capitalistas. Quanto a concorrência entre si,

Konzen e Oliveira (2016) destacam que as cooperativas ficam exposta a fragilidade no sistema cooperativo, deixando de praticar o princípio da intercooperação, e essa atitude indica desvios nos valores cooperativistas.

## **5.6 O que precisa na região para termos um grande desenvolvimento regional?**

Para o Entrevistado 1, precisa fomentar o surgimento de pequenas cooperativas de variados ramos. Mas para isso, é fundamental que a sociedade se organize e deseje, para que tudo seja possível. O Entrevistado 2 diz que é necessário uma combinação de fatores: desejo das pessoas em se unir e dar o melhor de si em prol a família e para com a sociedade, políticas públicas que contribui para a fomentação de pequenas empresas e cooperativas, inclusive políticas educacionais que atendem as necessidades regionais. Com relação a essa combinação de fatores pode-se mencionar o que Francio e Verschoore (2018) citam a respeito de umas regiões serem mais sistematicamente dispostas a novas tecnologias que outras. Algumas razões desse fato estão intrinsicamente relacionado à estrutura industrial da região bem como a presença de instituições de ensino e ambiente de empreendedorismo.

ACI (2015) destaca que as cooperativas com um forte compromisso identitário com o 6º princípio entendem que dedicar tempo e recursos aos esforços cooperativos gera potencial para obter melhores resultados, quer para as cooperativas individuais, quer para o movimento cooperativo em geral. Schneider (2012) completa dizendo que as cooperativas devem ir além da mera integração interna e partir para uma integração sistêmica gerando desenvolvimento regional.

## **5.7 De que maneira o cooperativismo pode contribuir para que esse desenvolvimento aconteça?**

O Entrevistado 1, afirma que as cooperativas existentes devem fomentar novas cooperativas nos mais variados ramos. Para o Entrevistado 2, a união de pessoas com o mesmo objetivo traz o fortalecimento, e que as pessoas devem-se deixar a visão de competitividade.

Essas afirmações estão de acordo com o que versa Silveira (2018), que o desenvolvimento regional geralmente esta associado às mudanças sociais e econômicas que ocorrem numa determinada região, mas deve-se considerar a abrangência dessas mudanças,

pois existem muitas interrelações, bem como elementos e estruturas presente na região que configura um complexo sistema de influência mútua. Bem como o que versa Bialoskorski Neto (2012) que devido aos monopólios na economia, as cooperativas são fundamentais para diminuir os custos sociais e são eficazes na difusão vertical de inovações tecnológicas.

## **6. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Schneider (2012) afirma que revolução industrial trouxera êxitos econômicos espetaculares, mas que destruiu a antiga estrutura econômica que era realizada de forma artesanal, causando misérias a classe de operários. Assim em meio aos embates contra a burguesia surge o movimento operário e com ele o cooperativismo moderno e bem estruturado durante o século XIX. O Entrevistado 1, além de mencionar o surgimento do cooperativismo moderno, menciona do surgimento deste no sudoeste de Mato Grosso, chegou através do visionário padre Monsenhor Ermínio Celso Duca que idealiza e funda a cooperativa agropecuária Coopnoroeste há 40 anos. Observa-se que se faz necessário ter a visão do padre Celso em fomentar o surgimento de cooperativistas para formar cooperativas de outros ramos e assim desenvolver a região nos seus variados aspectos.

Observa-se que os entrevistados desta pesquisa têm ciência do quão é importante, os princípios e valores para o cooperativismo, e não só para o cooperativismo, mas para qualquer coisa na vida tem-se que ter princípios e valores. Contudo possuem dúvidas sobre a compreensão do cooperativismo, por vezes comparado com cooperação. ACI (2015) e Schneider (2012) destacam que cooperativismo é uma teoria e forma de vida que fortalece uns aos outros e por isso é relevante que se espalhe através da intercooperação.

Referente aos serviços terceirizados pela Sicredi, realmente não possui cooperativas que possa atender nestes aspectos, ficando como sugestão a nós cooperados desenvolver na região cooperativas de outros ramos, para que se possa produzir e prestar serviços em modo cooperativo, transmitindo a filosofia cooperativa.

Espera-se que este trabalho venha servir como fonte para futuras pesquisas e servir de incentivo aos pesquisadores e leitores a desenvolver um espírito cooperativista, pois se acredita como já mencionado por vários autores, através do cooperativismo pode-se ter uma sociedade mais justa e que coopera para o bem comum, sabe-se que existem alguns desafios, mas desafios são para serem superados.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

- ACI. *Notas de orientación para los principios cooperativos*. Alianza Cooperativa Internacional. Ginebra, p.109. 2015. Disponível em: <https://bit.ly/2UBSZJ9> Acesso 05/05/2019.
- BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977. Disponível em: <https://bit.ly/3aJNjmk>. Acesso em 12/05/2019.
- BAUER, M. W.; GASKELL, G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- BIALOSKORSKI NETO, S. *Economia e Gestão de Organizações Cooperativas*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2012.
- DIAS, L. C. *Territórios e redes: Perspectivas teórico-metodológicas no campo interdisciplinar do desenvolvimento regional*. In: SILVEIRA, Rogério Leandro Lima da; FELIPPI, Ângela Cristina Trevisan (orgs.). *Territórios, redes e desenvolvimento regional: perspectivas e desafios*. Florianópolis: Insular, 2018. p. 13-24.
- FRANCIO, N; VERSCHOORE, J. R. A abordagem relacional do desenvolvimento regional. In: SILVEIRA, R. L. L. da; FELIPPI, Â.C. T. (orgs.). *Territórios, redes e desenvolvimento regional: perspectivas e desafios*. Florianópolis: Insular, 2018. p. 55-69.
- GIL, A. C. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GIRELLI NUNES, S. A.; MOTA, É.; DOS SANTOS, P. J. *A intercooperação no cooperativismo como instrumento de acesso da agricultura familiar ao mercado institucional via CECAFES e cooperativas associadas*. Anais do SEPE - Seminário de Ensino, Pesquisa e Extensão da UFFS, [S.l.], v. 6, n. 1, fev. 2017. ISSN 2317-7489. Disponível em: <https://bit.ly/3bRFCKZ>. Acesso em: 16/05/2018.
- KONZEN, R.R.P.; OLIVEIRA, C. A. O. *Intercooperação entre cooperativas: barreiras e desafios a serem superados*. Revista de Gestão e Organizações Cooperativas, [S.l.], v. 2, n. 4, p. 45-58, mar. 2016. ISSN 2359-0432. Disponível em: <https://bit.ly/2X5a8Ng>. Acesso em: 16/05/2018.
- MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M.. *Fundamentos de Metodologia Científica*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- RIBEIRO, G. L. *Poder, redes e ideologia no campo do desenvolvimento*. Novos Estudos CEBRAP/ São Paulo. 2008, p.109-125. Disponível em: <https://bit.ly/2UZ9Ww2>. Acesso 05/05/2019.
- SABOURIN, E. *Desenvolvimento territorial sustentável, reciprocidade e organização social*. In: SILVEIRA, R. L. L.; FELIPPI, A. C. T. (orgs.). *Territórios, redes e desenvolvimento regional: perspectivas e desafios*. Florianópolis: Insular, 2018. p. 25-54.

SCHNEIDER, J. O. *A Doutrina do Cooperativismo: Análise do alcance, do sentido e da Atualidade dos seus Valores, Princípios e Normas nos Tempos Atuais*. Revista do Centro Interdisciplinar de Desenvolvimento e Gestão Social, v. 3, n. 2, p. 251-273, Julho-Dezembro 2012. ISSN 1982-5447. Disponível em: <https://bit.ly/3dLOovP>. Acesso em 01/05/2019.

SECRETARIA DE ESTADO DE PLANEJAMENTO. *Regiões de Planejamento de Mato Grosso: 2017*. Cuiabá: SEPLAN-MT, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/2UZMGhJ>. Acesso em 26/05/2019.

SICREDI. *Conheça o Sicredi*. Disponível em: <https://bit.ly/2R7hJqB>. Acesso em 08/12/2017.

SICREDI. *Sicredi Noroeste MT e Acre*. Disponível em: <https://bit.ly/3aD6NZL>. Acesso em 25/05/2019.

SILVEIRA, Rogério Leandro Lima da. *Território, rede e desenvolvimento regional: Notas para discussão*. In: SILVEIRA, R. L. L. da; FELIPPI, A. C. T. (orgs.). *Territórios, redes e desenvolvimento regional: perspectivas e desafios*. Florianópolis: Insular, 2018. p. 231-252.

SISTEMA OCB. *Manual de Boas Práticas de Governança Cooperativa*. Disponível em: <http://www.ocbmt.coop.br/TNX/>. Acesso em 08/12/2017.